

Excursão na Teologia Natural (Parte 18): O Argumento Moral 1/5

Seção 04 / Aula 18

Autor: William Lane Craig

Publicado no YouTube: 05/07/2024, 19:30:00 (horário de São Paulo)

Aula original: 2016-02-03

[Assistir à aula no YouTube](#)

[Acessar o Curso Defensores - Seção 04](#)

Transcrição da versão em português a partir da legenda da aula. Revisão: 20/10/2026.

Podemos ser bons sem Deus?

Em nossa "Excursão" em teologia natural, falamos sobre a basicidade própria da crença em Deus, examinamos o Argumento Cosmológico da Contingência, analisamos o Argumento Cosmológico Kalam, e recentemente completamos um estudo do Argumento Teleológico baseado no ajuste fino do universo para um Designer cósmico. Hoje queremos voltar nossa atenção para um novo argumento, que é o Argumento Moral para a existência de Deus. E podemos começar a pensar nisso fazendo a nós mesmos uma pergunta: Podemos ser bons sem Deus? À primeira vista, a resposta a esta pergunta pode parecer tão óbvia que até mesmo propô-la é capaz de irritar as pessoas. Pois, embora nós, cristãos, encontremos em Deus uma fonte de força moral que nos permite levar uma vida melhor do que levaríamos sem ele, ainda assim seria arrogância e ignorância dizer que os não-crentes muitas vezes não levam uma vida moralmente boa — na verdade, vidas que às vezes envergonham nossas próprias vidas, se formos honestos.

Mas espere um minuto! Seria, de fato, arrogante e ignorante afirmar que as pessoas não podem ser boas sem acreditar em Deus. Mas essa não era a pergunta. A pergunta era: Podemos ser bons sem Deus? Quando fazemos essa pergunta, estamos colocando de maneira provocativa uma pergunta sobre a natureza dos valores morais. Os valores morais que prezamos e que guiam nossas vidas são apenas convenções sociais, como dirigir do lado direito versus o lado esquerdo da estrada? Ou são meramente expressões de preferência pessoal, como ter gosto por baunilha em vez de chocolate? Ou são de alguma forma obrigatórios e válidos independentemente da nossa opinião, e se são, então qual é a sua base?

As premissas do argumento moral

Muitos filósofos pensaram que a moralidade fornece um bom argumento para a existência de Deus. Eu mesmo tropecei no argumento moral, por assim dizer, pela porta dos fundos. Eu estava falando em campi universitários sobre o absurdo da vida sem Deus. Eu argumentava que, se não há Deus, então em última instância a vida é sem propósito, sem sentido, e sem valor, em particular, não há base para valores morais objetivos. Tudo se torna relativo. Para minha surpresa, a resposta dos alunos a essa afirmação era muitas vezes insistir que os valores morais objetivos realmente existem. Sabemos que certas coisas são certas e erradas, e, portanto, certos valores morais realmente existem objetivamente.

Agora, o que os alunos disseram não refutou de forma alguma minha afirmação de que sem Deus não haveria valores morais objetivos. Em vez disso, o que eles fizeram foi fornecer inadvertidamente uma premissa ausente no Argumento Moral para a existência de Deus. Isto está em seu sumário. Agora podemos argumentar: (1) Se Deus não existe, valores morais objetivos, e deveres não existem. Contudo, (2) Valores morais objetivos e deveres existem. Disto se segue logicamente: (3) Portanto, Deus existe. Agora, esse pequeno argumento simples é logicamente à prova de balas. Se as duas premissas forem verdadeiras, então a conclusão segue necessariamente e logicamente. Além disso, este argumento é muito fácil de memorizar e compartilhar com outra pessoa.

Eu havia argumentado a favor da verdade da primeira premissa; os alunos tinham insistido na verdade da segunda premissa. Juntas, as duas premissas implicam logicamente a existência de Deus. E eu acho que o que torna este argumento tão poderoso é que as pessoas geralmente acreditam em ambas as premissas. Em uma era pluralista – uma era relativista – os alunos têm pavor de impor seus valores a outra pessoa. A sabedoria convencional é que você não pode dizer a alguém que ele está errado e você está certo. Quem é você para julgar outra pessoa dessa forma? E então a premissa (1) parece correta para eles. Ao mesmo tempo, certos valores foram profundamente (na verdade, acho que inconscientemente) instilados neles, como tolerância, mente aberta e amor.

Em particular, eles acham que é objetivamente errado impor seus valores a outra pessoa! Então, eles estão profundamente comprometidos com a premissa (2) também. Eles apenas nunca juntaram as duas para ver qual é a implicação. E isso pode levar a algumas conversas muito estranhas. Lembro-me de conversar uma vez com um descrente que pulava de uma premissa para outra. Quando falávamos sobre a primeira premissa, ele concordava com ela, mas negava a segunda premissa. Mas então, quando passávamos para a segunda premissa, ele concordava com ela e negava a primeira premissa! E assim íamos e voltávamos, ele ficou incapaz de decidir qual ele acreditava e qual ele rejeitava. Seria engraçado se não fosse tão lamentável ver alguém debatendo dessa forma simplesmente em uma tentativa vã de evitar Deus.

Então, o que eu gostaria de fazer é examinar mais de perto cada uma das duas premissas do argumento para ver que defesa você pode oferecer em nome delas e também que objeções o descrente pode levantar contra elas. E aqui estaremos nos afastando um pouco do esboço. então você precisará, se estiver fazendo anotações, adicionar alguns pontos adicionais à medida que avançarmos. Agora vamos dar uma olhada primeiro na premissa (1), que, se Deus não existe, valores morais objetivos, e deveres não existem.

Valores, deveres e objetividade

Antes de podermos dizer algo em defesa dessa premissa, quero esclarecer algumas distinções importantes. Primeiro, note que eu distingo entre valores e deveres. Valores têm a ver com se algo é bom ou ruim. Deveres têm a ver com se algo é certo ou errado. Agora você pode pensar que esta é uma distinção sem diferença. Você pode pensar que "bom" e "certo" significam a mesma coisa, e o mesmo vale para "ruim" e "errado". Mas se você refletir por um momento, acho que verá que não é o caso. Dever tem a ver com obrigação moral, o que você deve ou não deve fazer. Mas obviamente você não é moralmente obrigado a fazer algo apenas porque seria bom que você o fizesse.

Por exemplo, seria bom para você se tornar um médico, mas você não é moralmente obrigado a se tornar um médico. Afinal, também seria bom para você se tornar um bombeiro ou um fazendeiro ou uma dona de casa, mas você não pode fazer todos eles. Então não é verdade que porque algo é bom de fazer, isso significa que você tem o dever ou obrigação moral de fazê-lo. Além disso, às vezes tudo o que temos são escolhas ruins. Pense, por exemplo, no filme A Escolha de Sofia, em que a pobre mãe tem que escolher qual dos seus dois filhos deve ser enviado pelos soldados nazistas ao campo de concentração.

Não importa o que ela escolha, é um estado de coisas ruim. No entanto, não é errado ela fazer uma escolha porque ela deve escolher naquela circunstância. Então há uma diferença entre o que é bom e ruim e o que é certo e errado. Bom e ruim têm a ver com o valor moral de algo, e certo e errado tem a ver com algo ser obrigatório. Alguma dúvida sobre essa distinção entre valores e deveres antes de prosseguirmos? Tudo bem. Há uma segunda distinção que quero esclarecer, e essa é a distinção entre algo ser objetivo versus subjetivo. Por "objetivo" quero dizer "independente da opinião das pessoas". Por "subjetivo" quero dizer "dependente da opinião das pessoas".

Então, dizer que há valores morais objetivos é dizer que algo é bom ou ruim independentemente do que as pessoas pensam sobre isso. Da mesma forma, dizer que temos deveres morais objetivos é dizer que certas ações são certas ou erradas para nós, independentemente do que as pessoas pensam sobre isso. Então, por exemplo, dizer que o Holocausto foi objetivamente errado é dizer que foi errado mesmo que os nazistas que o realizaram pensassem que era certo, e ainda assim teria sido errado, mesmo que os nazistas tivessem vencido a Segunda Guerra Mundial e conseguido lavar o cérebro ou exterminar todos os que discordavam deles, de modo que todos concordassem que o Holocausto estava certo.

E a premissa (1) afirma que, se não há Deus, então os valores e deveres morais não são objetivos nesse sentido.

Discussão: opinião, circunstâncias e existência

Alguma dúvida sobre essa distinção entre objetivo e subjetivo? Sim, Cody.

Aluno: Eu ouvi algumas pessoas perguntarem por que você define "objetivo" como independente de pessoas ou opinião humana. Eles dirão que geralmente "objetivo" é definido como independente da mente. Mas, claro, se for independente da mente, então não pode estar enraizado em Deus nesse ponto.

Dr. Craig: Eu acho que a razão é que quando as pessoas dizem independente da mente (posso praticamente garantir isso) elas estão pensando em pessoas. Elas não estão pensando em Deus quando dizem, por exemplo, que objetos abstratos são uma realidade independente da mente como afirma um platonista. Eles não estão pensando em Deus. Eles estão pensando em ser independente da opinião humana. A razão pela qual isso é justificado, eu acho, é se você diz que dependente da mente exclui ser dependente de Deus^[1], então tudo se torna dependente da mente. A distinção se torna trivial; se torna sem sentido. Porque então até a existência do mundo externo é dependente da mente porque não existiria se Deus não existisse.

A distinção intuitivamente significativa entre dependente da mente e independente da mente colapsa se você diz que deve abranger Deus também. Você pode notar que eu não uso as

palavras "absoluto" versus "relativo". "Absoluto" significaria independente das circunstâncias em que alguém se encontra, enquanto "relativo" significaria que o que é certo ou errado ou o que é bom ou ruim seria relativo às circunstâncias. Eu não estou afirmando que existem valores morais absolutos em oposição a valores que são meramente relativos. Em vez disso, em quaisquer circunstâncias em que alguém se encontre, haverá uma coisa certa a fazer e uma coisa errada a fazer. Mas não se está afirmando que esses valores não são relativos às circunstâncias.

Em algumas circunstâncias será justificado, por exemplo, tirar uma vida humana – se houver um terrorista prestes a cometer um atentado suicida. Em outras circunstâncias, não seria justificado tirar uma vida humana – se for uma pessoa inocente, por exemplo. Então, não estamos fazendo uma afirmação aqui sobre absoluto versus relativo. Não confunda essa distinção com a distinção de objetivo versus subjetivo. Sim. Bem ali. Certo.

Aluno: Você poderia nos falar sobre a existência? Porque eu não acho que precisamos nos comprometer a ser platônicos para manter tudo real e dizer essas coisas existem e, portanto, são seres em sua ontologia.

Dr. Craig: A palavra "existe" ou "existência" em inglês comum tem um sentido muito leve. É esse sentido que estou usando aqui. Você poderia reformular para dizer algo como: "se Deus não existe então não há valores morais objetivos e deveres," e entender novamente "há" no sentido leve, no sentido em que eu digo, "Há cinco sextas-feiras em outubro." Ninguém que pensa que isso é verdade pensa que existem objetos ou coisas chamadas "sextas-feiras" que são objetos independentes da mente no mundo. Certo? Estou usando a palavra em um sentido leve aqui, não em um sentido pesado que nos comprometeria a objetos abstratos platônicos. Você poderia evitar a linguagem da existência ou do ser, de forma total apenas dizendo, "se Deus não existe, valores morais e deveres não são objetivos." Isso será uma reformulação do que quero dizer.

A segunda premissa seria reformulada, "Valores morais e deveres são objetivos." Portanto, Deus existe. Então você pode evitar qualquer mal-entendido sobre postular objetos abstratos platônicos que são virtudes ou vícios. Voltaremos a isso novamente mais tarde como uma alternativa ao teísmo, na verdade. Ok. Alguém mais?

Valores morais no naturalismo

Tudo bem, então vamos, mover para uma defesa da premissa (1). Vamos começar considerando, primeiro, valores morais. Tradicionalmente, os valores morais foram baseados em Deus, que é considerado o Bem supremo. Mas se Deus não existe então qual é a base dos valores morais? Em particular, por que pensar que os seres humanos têm valor moral objetivo? A forma mais popular de ateísmo é o naturalismo. O naturalismo sustenta que as únicas coisas que existem são as coisas que são postuladas por nossas melhores teorias científicas. Mas a ciência é moralmente neutra; você não pode encontrar valores morais em um tubo de ensaio. Então, seguir-se-ia imediatamente que valores e deveres morais não existem no naturalismo; eles são apenas ilusões dos seres humanos.

Mesmo que o ateu esteja disposto a ir além dos limites da ciência, por que deveríamos pensar que no ateísmo os seres humanos são moralmente valiosos? Afinal, na ausência de Deus, eles são apenas subprodutos acidentais da natureza que evoluíram relativamente recentemente em

uma partícula infinitesimal de poeira chamada planeta Terra, perdida em algum lugar em um universo hostil e sem mente e que estão condenados a perecer individual e coletivamente em um período relativamente curto de tempo. A avaliação de Richard Dawkins sobre o valor humano pode ser deprimente, mas por que no ateísmo ele está errado quando ele diz: "no fundo, não há design^[2], não há propósito, não há mal, não há bem, nada além de indiferença sem sentido...

Somos máquinas para propagar DNA... É a única razão de ser de todos os seres vivos." Na visão ateísta, os valores morais parecem ser apenas subprodutos da evolução biológica e do condicionamento social. Como um grupo de babuínos exibe comportamento cooperativo e até autossacrificial porque a seleção natural determinou que isso, é vantajoso na luta pela sobrevivência, também seus primos primatas *Homo sapiens* evoluíram de maneira semelhante esse tipo de comportamento pela mesma razão. Como resultado das pressões sociobiológicas, evoluiu entre *Homo sapiens* uma espécie de "moralidade de rebanho" que funciona bem na perpetuação da nossa espécie. Mas na visão ateísta não parece haver nada sobre *Homo sapiens* que faria essa moralidade objetivamente verdadeira.

O próprio Charles Darwin escreveu em seu livro, "The Descent of Man": "se os homens fossem criados sob exatamente as mesmas condições que as abelhas, dificilmente haveria dúvida de que nossas fêmeas solteiras, como as operárias, achariam seu dever sagrado matar seus irmãos, e as mães se esforçariam para matar suas filhas férteis, e ninguém pensaria em interferir." Pensar que os seres humanos são especiais é sucumbir à tentação do especismo, ou seja, um viés injustificado a favor da própria espécie. Então, se não há Deus, qualquer base para considerar a moralidade de rebanho evoluída por *Homo sapiens* neste planeta como objetivamente verdadeira parece ter sido removida. Tire Deus da equação, e tudo o que você tem é uma criatura semelhante a um macaco em um grão de poeira solar atormentada por ilusões de grandeza moral.

A questão dos deveres morais

Em segundo lugar, agora considere os deveres morais. Tradicionalmente, nossos deveres morais foram considerados como surgindo dos mandamentos de Deus, como os Dez Mandamentos. Mas se não há Deus, então qual base permanece para deveres morais objetivos? Na visão ateísta, os seres humanos são apenas animais, e os animais não têm obrigações morais uns para com os outros. Quando um leão mata uma zebra, ele mata a zebra, mas não assassina a zebra. Quando um grande tubarão branco copula à força com uma fêmea, ele copula à força com ela, mas não a estupra, porque não há dimensão moral nessas ações. Elas não são nem proibidas, nem obrigatórias. Então, se Deus não existe, por que pensar que temos qualquer obrigação moral de fazer qualquer coisa?

Quem ou o que impõe essas obrigações morais sobre nós? De onde elas vêm? É difícil ver por que seriam algo mais do que apenas uma impressão subjetiva decorrente do condicionamento social e parental. Certas ações, como incesto e estupro, podem não ser vantajosas biologicamente e socialmente e assim, no decorrer do desenvolvimento humano, tornaram-se tabu. Mas isso não faz absolutamente nada para mostrar que o estupro ou incesto é realmente errado. Esse tipo de comportamento acontece o tempo todo no reino animal. O estuprador que

vai contra a moralidade de rebanho não está fazendo nada mais sério do que agir de maneira impopular, o "equivalente moral", por assim dizer, de Lady Gaga.

Se não há legislador moral, então não há lei moral objetiva que devemos obedecer.

Deus e a crença em Deus

Agora, é extremamente importante que compreendamos claramente a questão diante de nós. Posso quase garantir que se você compartilhar este argumento com um descrente, alguém vai dizer indignado, "Você está dizendo que ateus são pessoas más?" Eles vão pensar que você é julgador e intolerante. Precisamos ajudá-los a ver que isso é um completo mal-entendido do argumento. A pergunta não é: Devemos acreditar em Deus para viver vidas morais? Não há razão para pensar que os não-crentes não podem viver o que normalmente caracterizaríamos como vidas boas e decentes. Novamente, a pergunta não é: Podemos reconhecer valores e deveres morais objetivos sem acreditar em Deus? Novamente, não há razão para pensar que você precisa acreditar em Deus para reconhecer que, por exemplo, você deve amar seus filhos.

Ou ainda, a pergunta não é: Podemos formular um sistema de ética sem nos referirmos a Deus? Se o ateu reconhece e afirma o valor intrínseco dos seres humanos, não há razão para pensar que ele não pode elaborar um sistema de ética secular ou código de conduta com o qual o crente concordará em grande parte. A verdadeira questão é: Se Deus não existe, existem valores e deveres morais objetivos? A questão não é sobre a necessidade de acreditar em Deus para a moralidade objetiva; a questão é sobre a necessidade de Deus para a moralidade objetiva. Tenho ficado chocado com a frequência com que até mesmo filósofos profissionais, que deveriam saber mais, confundem essas duas questões.

Por exemplo, participei de um debate no Franklin and Marshall College, na Pensilvânia, com o falecido filósofo humanista Paul Kurtz sobre o tema "A Bondade sem Deus é Suficiente." Eu argumentei que, se Deus não existe então não há valores morais objetivos, deveres ou responsabilidade por suas ações. Kurtz, para minha surpresa, perdeu completamente o ponto. Ele respondeu: "se Deus é essencial, então como é possível que os milhões e milhões de pessoas que não acreditam em Deus possam, mesmo assim, se comportar de maneira moral e ética?" Na sua visão, eles não poderiam.^[3] E assim, Deus simplesmente não é essencial... muitas pessoas, na verdade milhões de pessoas, têm sido otimistas sobre a vida, vivem uma vida plena e acham a vida emocionante e significativa.

No entanto, eles não se preocupam se há ou não uma vida após a morte. É viver a vida aqui e agora que importa. O ponto de Kurtz só mostra que a crença em Deus não é necessária para viver uma vida moral e otimista. Isso não faz nada para refutar a afirmação de que, se não há Deus, então a moralidade é apenas uma ilusão humana. Para repetir: a crença em Deus não é necessária para a moralidade objetiva; Deus é.

Discussão sobre fundamento e motivação

Há alguma dúvida, então, sobre esse argumento para a premissa um? Sim. Aqui atrás.

Aluno: Desculpe, estou com muita agitação interna sobre esta discussão em particular. Eu não vejo a conclusão como provada de que Deus é necessário para isso. Acho que há um salto aí que não é suportado.

Dr. Craig: Tudo bem. Você pode explicar por quê? Como você responderia ao que eu disse, que se Deus não existe, então você perdeu qualquer base objetiva para valores morais e perdeu a fonte de obrigação moral. Onde na visão ateuista ou naturalista os valores e deveres morais serão fundamentados?

Aluno: Com base na minha experiência pessoal... Vou falar do meu relacionamento com meu pai porque meu pai se considera um naturalista – ele não acredita em Deus. Ele vive em um quadro moral objetivo que é sobre o respeito dele por como quer que este mundo tenha surgido, é bom e deve ser preservado, e protegido. E como quer que a sociedade tenha chegado onde estamos hoje, deve ser preservado e protegido. Mas o que você está dizendo é quer ele saiba ou não, suas crenças decorrem do fato de que Deus existe?

Dr. Craig: Não, não, é isso que estou dizendo? Estou dizendo que, quer ele saiba ou não, sua crença de que a sociedade deve ser protegida e preservada decorre de Deus? Eu fiz essa afirmação? Não estou perguntando a você, estou perguntando à turma. Não, eu não fiz essa afirmação. O que eu disse é que ele está certo ao afirmar que a moralidade objetiva existe e que a sociedade deve ser preservada e protegida. Ele está certo. Essa é a premissa (2)! O que estou questionando é, quero saber do ponto de vista dele (se o ateísmo é verdadeiro) por que a sociedade deve ser preservada e protegida? Por que pensar que essa é uma obrigação objetiva que os seres humanos têm de preservar esta sociedade neste planeta?

Aluno: Você sabe, uma aversão à dor, eu acho, sabe... Mas então, eu acho...

Dr. Craig: Agora, essa é uma resposta comum, mas então eu quero saber por que devemos evitar infligir dor a outras pessoas de nossa espécie? Os animais infligem dor uns aos outros o tempo todo. Então por que somos diferentes? Por que é errado para o Homo sapiens – este primata relativamente avançado – infligir dor?

Aluno: Ok, estou travada, mas então? Então, você sabe, novamente, da perspectiva do meu pai e, você sabe, estou aqui porque vejo os dois lados. Acho que vejo os dois lados. E não tenho certeza preto no branco em nenhuma direção.

Dr. Craig: OK, não deixe a certeza se tornar uma espécie de "bicho-papão" aqui. Tudo o que é necessário para um argumento bem-sucedido é que as premissas sejam mais plausíveis do que suas opostas. Mesmo que seja, digamos, 52 a 48 por cento você deve ir com o que parece mais provavelmente verdadeiro. Não estou argumentando aqui sobre certeza. Só que acho que a premissa é verdadeira que se não há Deus, então valores e deveres morais não são objetivos.

Aluno: Aqui está realmente minha pergunta. Tudo isso é muito confuso, e como eu disse, é uma agitação interna e eu provavelmente não deveria nem ter falado, mas...

Dr. Craig: Pelo contrário, você deveria!

Aluno: Minha pergunta então, ou o que tenho sentido é, você está conduzindo a um julgamento de que os valores morais objetivos são superiores aos valores morais subjetivos? Porque então eu poderia dizer que talvez meu pai viva em uma moralidade subjetiva, certo? Se isso é diferente. Porque ele decidiu não machucar as pessoas por qualquer motivo...

Dr. Craig: Eu entendo...

Aluno: Falando subjetivamente.

Dr. Craig: Acho que você está interpretando isso novamente exatamente da maneira que eu disse que não deveríamos interpretar – que os ateus são pessoas más. Esse não é o argumento. Não é um julgamento sobre seu pai, ou a vida moral ou virtude dele. A conclusão à qual estou conduzindo é que Deus existe. Essa é a conclusão.

Aluno: Isso não é óbvio para mim com base no fato de que moralidade objetiva... para mim, há algo faltando entre a realidade comportamental de... Vejo isso com meus amigos criando filhos. Quando: "Espere até seu pai chegar em casa" não é assustador o suficiente que você tem que dizer "Não deixe Deus ver isso!" "Não deixe Deus ver você fazendo isso." Eu entendo isso. Da perspectiva do meu pai, e meio que da minha perspectiva também, quero dizer quase que a questão de Deus é um pouco irrelevante porque vou me comportar de maneira boa, como vejo. Mesmo se descobrir que não havia Deus, não estou decepcionado comigo mesmo.

Ainda me orgulho de mim mesmo por me comportar como se houvesse um.

Dr. Craig: Acho, novamente, que você está entendendo mal o argumento. Aí você está perguntando sobre a questão da motivação moral. Devo ser bom porque, digamos, Deus recompensará isso se eu fizer, e se eu não fizer ele me punirá. Você está perguntando, "Qual é a fonte da nossa motivação para a vida moral?" Eu nem estou abordando essa questão. Tendo a concordar com você que você faz o bem pelo bem. Você faz isso porque é bom.

Aluno: Eu consideraria isso um dever.

Dr. Craig: O que estamos perguntando: existe uma base ou uma explicação para por que algo é bom em vez de ruim, e por que temos uma obrigação de fazer certas coisas e uma obrigação de não fazer outras coisas. De onde vêm essas obrigações? Elas são apenas impostas a nós pelo processo evolutivo e pelo condicionamento social, ou existem valores e deveres objetivos que são válidos e obrigatórios independentemente da nossa apreensão deles. Essa é a questão. Essa é a questão.

Encerramento e bênção

Chegamos ao fim do nosso tempo. Não quero passar disso. Mas na próxima vez continuaremos nossa discussão e vamos examinar mais algumas objeções à premissa (1) e talvez isso ajude a fortalecer o caso para a premissa (1) mostrando como as objeções que geralmente são apresentadas contra ela, na minha opinião, são finalmente malsucedidas. Então vamos, curvar, para a bênção. E agora, que Deus, que é a fonte e o paradigma de toda virtude e bondade, forme nossas vidas de tal maneira que possamos refletir sua imagem e viver vidas virtuosas e agradáveis a ele através de Cristo nosso Senhor. Amém.

Referências

William Lane Craig. Lecture 18: Moral Argument. Defenders3, Reasonable Faith, 2016.

Cited in Lewis Wolpert, Six Impossible Things before Breakfast: The Evolutionary Origins of Belief (New York: Norton, 2006), 215. Unfortunately, Wolpert's reference is mistaken. The quotation seems to be a pastiche from Richard Dawkins, River out of Eden: A Darwinian View of Life (New York: Basic, 1996), 133, and Richard Dawkins, "The Ultraviolet Garden," Lecture 4 of 7 Royal Institution Christmas Lectures (1992), <http://physicshead.blogspot.com/2007/01/richard-dawkins-lecture-4-ultraviolet.html>. (Thanks to my assistant Joe Gorra for tracking down this reference.)

Charles Darwin, The Descent of Man and Selection in Relation to Sex, 2nd edition (New York: D. Appleton & Company, 1909), p. 100.

A full transcript of this October 2001 debate, along with essays from several people on both sides of the issue, can be found in *Is Goodness without God Good Enough?: A Debate on Faith, Secularism, and Ethics* (Rowman & Littlefield, 2008).

Título mencionado no corpo; edição, direção e ano não especificados pela aula.

Notas editoriais da revisão

[1] [Provável, análise editorial] A expressão mind-dependent aparece também no EN local e no PDF p.161. O contexto de distinção poderia sugerir mind-independent, mas isso seria alteração da formulação do professor, não correção demonstrada de tradução. Preservada a fala, com ressalva para revisão humana.

[2] [Certo: PDF p.162, nota139] A nota original informa que a referência em Wolpert está equivocada e que a citação parece uma composição de duas fontes de Dawkins. As fontes e a ressalva foram conservadas na bibliografia; a citação não foi apresentada como um único excerto contínuo.

[3] [Certo: PDF p.164] A citação atribuída a Kurtz continua até É viver a vida aqui e agora que importa. A proposta Na sua visão conserva a interpelação a Craig; toda a citação e suas reticências foram mantidas.

Créditos e fontes

Autoria: William Lane Craig. Publicação original: Reasonable Faith.

Conteúdo original: © 2016 William Lane Craig.

Tradução e edição em português: Fé Razoável. Revisão: 20/10/2026.

Fonte original: <https://www.reasonablefaith.org/podcasts/defenders-podcast-series-3/s3-exkursus-on-natural-theology/exkursus-on-natural-theology-part-18/>

Aula em português: <https://ferazoavel.com.br/defensores-teologia-natural-parte-18/>